

O TEMPO E O ESPAÇO COMO CONSTITUIDORES DA IDENTIDADE CAMPONESA¹.

Maria de Assunção Lima de Paulo

Curso de doutorado – PPGS - UFPE.

Este artigo visa discutir as representações de tempo e espaço em uma comunidade camponesa pertencente ao meio rural do Nordeste brasileiro, objetivando entender como as mesmas são importantes elementos de construção da sua identidade. A concepção de espaço foi considerada a partir da perspectiva de Certeau (1994), que o entende como o lugar praticado e a de tempo a partir de Leach (1974) que o entende como uma construção sócio-cultural. Estas representações são produzidas dentro de um espaço rural que se constrói através de uma relação dialética com a sociedade mais geral na qual está inserida, não podendo ser pensada de forma isolada (WANDERLEY, 2000). A apreensão das representações sociais do espaço, foi realizada através de uma etnografia das práticas que o produzem e as do tempo através da observação participante e relatos orais das vivências e experiências que orientam a vida naquele meio rural. Com este estudo foi possível concluir que não é possível considerar o tempo e o espaço como categorias díspares, pois estes se constroem relacionalmente, não existindo uma representação única de tempo e espaço camponês, mas, representações que são orientadas pelas relações cotidianas dos homens com a natureza e entre si, e também com outros mundos rurais, e urbanos, a partir de uma visão de família, vizinhança, produção, até de comércio específicos. Essas relações são consideradas a partir de uma perspectiva histórica, social e cultural, e, são baseadas saberes, fazeres e sentimentos que envolvem aqueles homens, sendo, portanto, constituidores de sua identidade.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Camponês. Identidade.

Introdução:

Este artigo constitui uma etnografia das representações de tempo e espaço na comunidade camponesa do Jucá, localizada no município de Umbuzeiro, na micro-região dos Cariris Velhos da Paraíba, como uma das vias possíveis para se acessar a identidade do homem rural.

Para a construção da pesquisa foram adotadas três técnicas. A técnica da entrevista centrada-² como principal instrumento de registro das expressões orais dos informantes, o

1 «Trabalho apresentado na 26ª reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 1º e 04 de junho em Porto Seguro, Bahia, Brasil.»

registro no diário das conversas informais, em bate-papos enquanto tomávamos um café, ou nas conversas enquanto caminhávamos, ou até mesmo, enquanto as mulheres realizavam alguma tarefa. Acredito que estas informações são muito ricas, pela sua imparcialidade e pela espontaneidade com que foram passadas³. Sabendo da impossibilidade de registrar por meio da entrevista, as expressões corporais e as ações relacionadas ao tema proposto - importantes aspectos para a compreensão do que me dispunha a estudar - senti a necessidade de utilizar também a observação participante⁴, que me deu subsídios para perceber ações, sem as quais seria impossível o entendimento das representações e da dinâmica do tempo e do espaço na comunidade do Jucá.

Apoei-me em Geertz (1978) para a realização desta pesquisa, entendendo a cultura como uma teia de significados construída pelos próprios homens. Geertz percebe a pesquisa antropológica como uma atividade interpretativa. Neste sentido, o meu trabalho é construído como um texto antropológico, no qual inscrevo minhas interpretações.

A categoria das representações sociais no sentido em que Moscovici a define, serviram de aparato teórico e metodológico para a interpretação dos dados de campo, sendo ela, o principal instrumento na análise das concepções de tempo e espaço da comunidade pesquisada. A partir da escolha das representações sociais como base de minhas interpretações, busquei estabelecer uma síntese teórica entre fenômenos que em nível da realidade estão profundamente ligados. Compreende-se então que as representações podem

2 Utilizou-se a técnica da entrevista centrada na forma indicada por Michel Thiollet (1980:35): "na qual dentro das hipóteses e de certos temas, o entrevistador deixa o entrevistado descrever livremente a sua experiência pessoal a respeito do assunto investigado".

3 É importante que se entenda que estas informações, quase sempre de caráter subjetivo representam meramente sua percepção filtrada e modificada por suas reações cognitivas e emocionais e relatadas através de sua capacidade pessoal de verbalização. (DEAN, J.P. E WHYTE, W.F., 1969:105-6 APUD HAGUETTE, 1997:88)

4 A Observação Participante é utilizada aqui no sentido antropológico, em que o pesquisador busca o sentido das coisas para melhor compreender o funcionamento de uma sociedade primitiva ou de um grupo humano. (HAGUETTE, 1997:67). A observação participante é entendida aqui a partir de Morris S. Schwartz e Charlotte Green Schwartz que a definem como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com observados, e, em participando com ele, ao mesmo tempo, modifica e é modificado por este contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integrante da estrutura social, ou ser simplesmente periférica com relação a ela." (1955: p.19, apud HAGUETTE, 1997: 72).

ser consideradas como um sistema de interpretação da realidade, organizando as relações do indivíduo com o mundo e orientando suas condutas e comportamentos junto ao meio social. Estas dizem respeito à construção de saberes sociais, e, como processo cognitivo, trazem à tona a dimensão dos afetos pelo caráter simbólico e imaginativo desses saberes. (JOVCHELOVITCH E GUARESCH, 1995)

Com base na categoria das representações sociais, como entendida por Moscovici, o tempo e o espaço foram estudados como construções sociais do grupo, que por meio do ato de representar atribui significados a uma realidade que é vivenciada no cotidiano, visto que é através da rotina impressa neste que a vida social é recriada. Desta forma, a rotina é basicamente expressa na consciência dos indivíduos, como uma consciência prática, ou seja, a vida cotidiana engaja constantemente a capacidade reflexiva dos indivíduos.

Para interpretar as representações sociais de espaço usei como base o conceito de Espaço de Certeau (1994). Este autor aponta para o fato de que na contemporaneidade⁵ nem tudo pode ser encarado como espaço, assim, ele busca uma diferenciação entre o “*lugar*” e o “*espaço*” para entender as relações sócio-culturais. Neste sentido, o autor trata do problema da definição de “*espaços*” e “*lugares*”, enfatizando, que o primeiro se caracteriza pela necessidade de ser vivenciado para ser considerado como tal, enquanto que o segundo é a ordem estável em que estas vivências acontecem, ou seja, um lugar (apartamento, por exemplo) se torna espaço na medida em que, dentro deste as pessoas estabelecem relações e vivências. Em suma, para Certeau “o espaço é um lugar praticado”.

O tempo foi entendido também como uma categoria social, sendo conceituado por Leach (1974) como intervalos que o homem criou na vida social para melhor organizá-la. Segundo ele, a noção de tempo é tão necessária na sociedade quanto o é a noção de Deus. Ele enfatiza que o tempo é marcado em toda a parte do mundo através de calendários e

⁵ Michael de Certeau (1994) considera que estamos vivendo na pós modernidade e é para entender esse contexto que ele constrói seu conceito de espaço. Não estou usando esse conceito para entender um contexto igual, porém, o utilizo por concordar com ele que a prática (perpassada por experiências, saberes e sentimentos) é o que dota um lugar de sentido transformando-o em espaço. Estou no entanto, partindo da idéia de que essas ações são construídas social e culturalmente e não é totalmente contingente, fluida e desfixada como o faz Certeau.

festivais, a partir dos quais se forma um período. Sem os festivais tais períodos não existiriam e toda a ordem sairia da vida social.

Quando o homem se apropria do tempo dentro do seu espaço, ele passa a representá-lo de acordo com os umbrais de sua cultura. O tempo é então, uma noção fabricada pelo homem que se projeta em seu ambiente para seus próprios objetivos particulares, mudando seu significado de cultura para cultura.

Sendo os conceitos de tempo e espaço encarados como construções sócio-culturais, se fez importante compreender as especificidades do meio ao qual elas estão inseridas.

. Apóio-me então na perspectiva que percebe o mundo rural como um mundo multifacetado que deve ser entendido na sua relação com a sociedade mais geral em que está inserido, não podendo ser percebido de forma isolada. (Wanderley, 2000)

Este mundo é caracterizado por ter a sua paisagem marcada pelo predomínio da natureza, por ser formada por pequenos grupos e pela relação de interconhecimento . Estas características são particularmente construídas em contextos sócio-históricos específicos e são responsáveis por relações que resultam de práticas e representações particulares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho, da família etc. Sendo assim, o rural não se constitui como uma essência imutável, mas como uma categoria histórica que se transforma. (WANDERLEY, 2000).

O Sítio Jucá:

O Jucá é uma comunidade camponesa⁶ que em princípio não parece diferente das várias comunidades que formam o município de Umbuzeiro e tantos outros “municípios rurais” do Nordeste do Brasil. (WANDERLEY, 1999)

Nos primeiros contatos com os moradores do Jucá, eles logo me informaram que ali se tratava de um Sítio. Considerando a classificação dos próprios moradores do Jucá, preferi então, trabalhar com o conceito de Sítio, por entender que ele define melhor o tipo

6 Existem muitas discussões sobre a existência e permanência de camponeses no Brasil. (VELHO, 1982) Parto aqui da idéia de que os camponeses são definidos não apenas por questões objetivas como a relação entre tamanho da terra e mão de obra, ou pela sua relação com a sociedade mais geral, mas pelo modo de vida, que inclui: relação com a terra, com a família, com a vizinhança e relação específica de trabalho.

de organização social existente no Jucá, um aglomerado de pequenas propriedades organizadas pela família e a partir dela, onde se desenvolve relações sociais dos mais variados tipos, correspondendo ao que Woortmann (1995) define como “um sistema de espaços articulados entre si. Ele é pensado pelas pessoas da região como um todo cujas partes se interligam. Esse sistema não é algo ‘dado’, mas um complexo construído ao longo da vivência de uma ou várias famílias,” aos quais ela denominou Sítio.

Associando este conceito ao conceito de espaço de Certeau (1994), diria-se que, sendo uma organização social, o Sítio também pode caracterizar-se como uma maneira de um grupo significar o “lugar” tornado-o “espaço” no sentido em que se entende aqui.

Portanto, pertencer ao Sítio Jucá como conjunto de sítios, não é apenas ter uma casa naquele lugar, mas principalmente, dar vida a casa, ao lugar da casa, aos arredores da casa, aos currais, aos chiqueiros, aos cercados, ao roçado, aos caminhos e aos espaços públicos como as escolas, as estradas e o posto de saúde, estabelecendo assim relações com o grupo a que está pertencendo. É porque se come aqui e não ali, porque se entra pela frente e não pelos fundos, porque este lugar é bom para trabalhar e não para morar, enfim, porque os “lugares” recebem tais ou tais significados, tornando-se “espaços”, que eles são vivenciados pelos moradores do Sítio Jucá.

Segundo contam os moradores, o que fez denominarem o Sítio de Jucá, foi a existência naquele lugar de uma árvore grande e frondosa que possui o mesmo nome e que passou a identificar o lugar por parte dos que chegaram para morar ali.

O Sítio Jucá foi formado tendo como base praticamente três famílias: Os Vencerlaus, os Vermelhos e os Florenços que ocuparam aquelas terras e as fizeram produtivas constituindo ali suas famílias e organizando o espaço hoje composto por cerca de 85 famílias que vivem basicamente da agricultura e, principalmente, do dinheiro que vem de “fora” enviado pelos inúmeros migrantes sazonais⁷, que passam a semana no lugar que trabalham e os fins de semana em casa com a família. Tais migrantes são em sua maioria, homens casados que por não ter condições de sobrevivência no seu espaço,

7 MENEZES, ao estudar a migração camponesa, apoiada em Woortman e Garcia Jr. aponta que a migração camponesa é uma das alternativas por eles encontradas para continuarem enquanto camponeses, é portanto, “condição para a permanência camponesa” (WORTMANN, apud MENEZES 1997 :8). Para esta autora, a migração sazonal é um dos múltiplos movimentos encontrados numa trajetória de vida individual.

necessitam “*sair pra fora*”, para conseguir meios de manter a família e sua propriedade. A migração é um dos importantes elementos para pensar a representação social de tempo e espaço naquele Sítio.

O Sítio Jucá é o “espaço” onde se planta feijão, milho e gerimum, é um “*lugar agreste*”⁸, no Nordeste, numa região de terra seca, castigada pelo uso constante do solo e pelo desmatamento, “ele está na cabeceira do cariri, e na cabeceira do brejo”, como disse Luzinete (Jucá de Baixo): “Olhe, o Jucá fica na cabeceira do brejo e na cabeceira do cariri, porque ele fica no mei, por isso é que ele nem é muito seco, nem é verde”.

O Jucá tem cerca de 400 hectares de terra divididos pelas diversas famílias de forma desigual, sendo o espaço físico organizado da seguinte forma: as casas se distribuem em torno de uma estrada de terra que liga a cidade de Umbuzeiro- PB à cidade de Natuba-PB. Junto de cada casa tem sempre um terreiro, chiqueiros para galinhas e para bodes, um roçado, um pequeno cercado e caminhos que interligam esses espaços e os ligam à casa vizinha. Depois das casas, em uma serra que fica no lado direito da estrada, está o espaço onde as pessoas geralmente criam os bois ou “botam” seus roçados. Ao lado esquerdo está a parte mais baixa onde existem vários barreiros e algumas fontes de água salgada. Nesta parte é mais fácil encontrar os roçados de milho e feijão, bem como plantações de palma para alimentar os animais nas épocas de seca.

O Sítio está dividido em duas partes: Jucá de Baixo e Jucá de Cima. Estas partes foram divididas da seguinte forma: havia uma árvore depois da lagoa e outra na estrada perto da casa de Biu Vermelho, a partir delas dividiu-se a comunidade entre Jucá de Cima e Jucá de Baixo. Não havendo diferenças topográficas entre essas duas partes do Sítio, essa separação apenas física, mas ela é, sobretudo, social. Esta separação serve, de certa forma, para hierarquizar, colocando o Jucá de Baixo em condições de superioridade a partir do tipo de relação que nele se estabelece. O Jucá de Baixo nasceu primeiro e pertence a uma única família. Como enfatizou DaMatta (1997,p.30) No Brasil, as pessoas tendem a diferenciar ou caracterizar os lugares com o uso do *em cima e em baixo* sem que isto indique nenhuma variação topográfica: é neste momento que as denominações de espaço se confundem com

8 Dona Lourdes chamou de lugar agreste, porque, segundo ela é um lugar seco, sem muita possibilidade de vida.

a própria ordem social, de modo que sem entender a sociedade que está sendo dito, e suas relações sociais e valores, não se pode entender como o espaço é concebido.

O Jucá de Cima e o Jucá de Baixo atualmente estão separados pela “Favela”. Esta parte da comunidade é assim denominada porque segundo os moradores das outras partes do Jucá, lá as pessoas têm um comportamento diferente dos demais, comportamento este que é considerado amoral, parecido com o que eles ouvem falar sobre os moradores das favelas nas grandes cidades. Um exemplo citado por eles, pode ser o fato de mulheres participarem de farras no bar que se localiza ali e terminarem por namorar homens casados. Por causa disso, a favela não é considerada como pertencendo a nenhuma das partes do Jucá.

Andando no sentido Umbuzeiro-Jucá, até chegar na “Favela”, fica a parte do Sítio denominada de Jucá de Cima, depois da “Favela”, até o posto de saúde é o Jucá de Baixo, onde estão localizados o templo evangélico e a lagoa, que fica na terra de Mariano.

No final do Jucá de Cima, no terreiro de trás da casa de Carminho, bem onde entra para o caminho do grupo escolar, que fica numa alta, está a cisterna pública, de onde as pessoas retiram água nas épocas em que a seca assola o Sítio.

Na Favela, costuma-se encontrar muitos rapazes à tarde, por volta das três horas, conversando na frente das casas, enquanto passa o tempo. Do lado direito das mesmas, onde há sombra à tarde, encontram-se algumas mulheres da favela também “*batendo papo*”. Na frente destas casas, na estrada, é possível ver durante qualquer hora do dia as crianças brincando de pião ou de bolas de gude. Também percebe-se alguns animais amarrados no pasto logo no aceiro da estrada e por toda a extensão desta. Na parte da manhã é notória uma maior movimentação das pessoas em torno das tarefas por todo o Sítio, é possível ver a mãe que vem do barreiro, onde lavou roupa, com seus dois filhos e uma bacia de roupa na cabeça. Pode-se encontrar, também, na estrada ou nos diversos caminhos que ligam casas e roçados, uma outra senhora com seu enorme feixe de capim que tirou na serra para alimentar sua vaca parida que está amarrada logo no cercadozinho perto do terreiro de sua casa.

As mulheres que são as mais encontradas no Sítio durante a semana, já que os maridos estão “*trabalhando fora*”, costumam dar uma pausa entre uma tarefa e outra, para sentarem-se nas calçadas das vizinhas ou até em uma barraquinha específica⁹ para conversarem sobre a novela no dia anterior ou os acontecimentos mais recentes na comunidade, principalmente quando são coisas inusitadas, como a gravidez de uma moça ou a fuga de outra com o seu namorado.

Mas, é muito freqüente encontrá-las trabalhando no roçado, perto de suas casas, ou lavando roupa nos barreiros que ficam mais próximos, ou realizando esta tarefa no próprio terreiro, nas calçadas, com água que trouxeram dos barreiros.

Foram nestas atitudes da vida cotidiana dos sitiantes do Jucá que me foi possível apreender as representações sociais construídas pelos sitiantes do Jucá acerca do espaço, pois são estas práticas dotadas de sentido, que dão significado aos lugares tornando-os “espaços”, por isso, é necessário buscar nas ações e, não apenas nas falas, o significado do Sítio Jucá pelas pessoas do Jucá, significados estes que identificam os moradores do Jucá com o seu Sítio.

O Jucá não é qualquer Sítio, mas o “Jucá” é mais animado do que os outros Sítios vizinhos tem mais famílias morando, “*as pessoas vivem por sua conta própria*”, como disse Maria (Jucá de Cima) “

“É um lugar mais divertido, um povo mais civilizado, esses outro lugar são esquisito de gente é um lugar mais bonito, espaçoso, as pessoas são mais unidas com os outros, as pessoas se ajudam, não são de mal querência com ninguém, umas pessoas amigas”.

O Jucá, na representação de seus moradores, é o espaço de viver, o espaço que existe para ser vivenciado, já que é nele que está o afeto, a vida familiar, os sonhos, a infância, os amigos e, como disse Preto, “*a mãe*”. É ainda o espaço em que se pode viver com liberdade, porque não existe violência, apesar de ser, ao mesmo tempo, o espaço sem condições para isso, pois não proporciona possibilidades econômicas de permanência em

9 A única venda em que algumas mulheres sentam para conversar é a de seu Joel, que por vender poucas mercadorias e estar localizada atrás de sua casa, sendo pouco vista, é menos freqüentada por homens durante a semana. Nestes dias as mulheres de sua família costumam sentar-se para conversar enquanto descansam de uma tarefa ou outra.

seu interior no momento em que não lhes oferece as condições para a sobrevivência. Como enfatiza Joel (Jucá de baixo)

“[...] Ruim pa se viver, mai se o caba tivesse condição de viver aqui num tinha lugar melhor não, num tinha o caba pode oi, podia andar por todo canto do mei do mundo, num encontra um lugar mior de que esse não, porque se você chega bota um bicho ali, quando você chega amanhece no mermo lugar, se você num tirar dali..”.

As não-condições para viver vão desde a falta de “um ganho”, por não oferecer empregos, até a falta de médicos, mas principalmente, pela falta de água que gera fome e sede para as pessoas e para os animais. Na verdade, a seca não é vista pelos Jucaenses como o maior empecilho para suas vidas, mas, segundo eles, o que lhes prejudica mais é o descaso, a falta de políticas públicas para seu Sítio. “*Aqui não tem um médico, não tem um negócio assim pra dar emprego*” Então, a falta de emprego, associado a pouca ou nenhuma chuva que cai no inverno torna a vida no Jucá muito difícil, havendo a necessidade de as pessoas migrarem para o trabalho nas cidades. De acordo com o depoimento de Joel (que trabalha no Recife), não é no verão que a vida é mais difícil no Jucá, porque neste período há uma forma de ganhar algum dinheiro, que é através de programas do governo, porém, no inverno, como não há um nível de pluviosidade satisfatório para que se tenha lucro, e os programas sociais se tornam mais escassos, as pessoas não tem como ganhar nenhum dinheiro no Sítio para sobreviver.

“No inverno, a vida ao invés de melhorar, piora, porque num tem nenhum ganhe, no verão ainda tem a emergência, e agora? A gente pranta num dá, né? Então quem pode sair, tem que sair.”(Joel, jucá de cima.)

Sair significa deixar sua família e migrar para o trabalho nas grandes cidades, como Recife, João Pessoa, Rio de Janeiro e São Paulo. Os que vão para as mais próximas, como Recife e João Pessoa, voltam sempre todos os finais de semana, mas os que migram para o Rio de Janeiro e São Paulo, só aparecem anualmente, ou passam até dois anos sem vir.

O Sítio Jucá também é o “espaço de reciprocidade” (WOORTMAN, 1995; MAUSS, 1974) onde a “dádiva” é a visita aos doentes, a cachimbada, o crédito na venda ou os favores que são prestados pelos vizinhos ou parentes. Tais trocas não podem ser caracterizadas como meras demonstrações de solidariedade, mas como uma forma de

estabelecer vínculos entre vizinhos, de fortalecer a identidade do Sítio, bem como de determinar as pessoas possíveis de fazerem parte daquele grupo.

No entanto, não se pode deixar de perceber que também existem relações de trabalho baseadas no pagamento da mão de obra naquele espaço. Isto é percebido no pagamento por dias de serviço no roçado, o que não faz com que as relações de reciprocidade na comunidade não aconteçam, pois a necessidade de dinheiro para a sobrevivência imediata os leva a comercializarem sua força de trabalho, já que o sistema os obriga a comprarem tudo o que necessitam, principalmente nas épocas de pouco lucro como no momento atual. Por isso, “pagar um dia de serviço a quem tá passando fome é como dar a vida de novo aquela pessoa minha fia” (Lurdes, Jucá de Baixo), pagar pelo trabalho é dar condições de sobrevivência para aquelas pessoas. No entanto, é fácil perceber-se vizinhos levando um pouco de sua feira do sábado para aqueles que não fizeram feira naquele dia, o que mostra que não é só relação de comercialização de trabalho ou mercadorias que existem no Sítio. Não percebo o Sítio como um espaço puro de relações fechadas, marcado por uma única noção de tempo, mas como enfatizou Brandão(2006) formas diferentes de representar o tempo podem ser encontradas no mesmo espaço.

Os significados apresentados particularizam o Jucá e apesar do que podem chamar de “dificuldades”, o tornam o “lugar” Jucá enquanto “espaço”, bom para morar, para viver, e para sentir e são responsáveis por uma identidade dos jucaenses com o seu espaço, com o seu Sítio. Esta identidade é entendida como um sentimento de pertencimento não estático, mas como um processo que entende esse espaço como estando em transformação, sendo esta, construída na relação entre o dentro e o fora.

A organização social do espaço no Jucá:

No Jucá, lugares que parecem apenas físicos, são dotados de significados tornando-se espaços. Os espaços estão organizados no Jucá, a partir de vários elementos significativos: Primeiro, como já foi abordada anteriormente, a própria divisão do Sítio entre Jucá de Cima e Jucá de Baixo e Favela se constitui, por assim dizer, a divisão mais

geral do Sítio, organizando as relações de parentesco e vizinhança, de proximidade e distanciamento entre seus moradores.

Para além dessa divisão, os espaços estão divididos entre públicos e privados. Os espaços públicos são a estrada, a escola, o posto de saúde e a cisterna pública. Estes espaços podem ter um significado comum para todos os Jucaenses de Baixo ou de Cima, visto que a utilização dos mesmos é efetivada de forma igualitária tanto para uma parte como para outra. Através dos seus usos também fica clara a forma de organização social do Sítio.

Os mais amplos espaços privados são os sítios familiares, que correspondem à propriedade de cada família. Nestes, encontram-se as casas, com seus terreiros e chiqueiros, estão também os roçados, as capoeiras, os caminhos e os barreiros.

Dentro da casa, as salas, os quartos, a cozinha, os cuvicos, os corredores são dotados de significados, que a tornam efetivamente o espaço da vivência da família. Nesses espaços, existem sentidos para o entrar e o sair, que são denominados por valores, sentimentos e ações, mas que estão contextualizados em tempos específicos que também adquirem significados naquele espaço. Cada um desses espaços são dotados de significados produzidos não apenas por elementos objetivos, mas por ações, afetos, sentimentos e memórias que os particularizam como “espaços da vida” como denominou Herédia (1999). Estes espaços marcam a vida e história do Sítio e dos sítiantes estabelecendo com ele uma identidade que se confunde com a sua própria identidade como camponês. Como enfatizou dona Luzinete ao contar a história de sua vida demarcando-a, através da história de sua casa e do seu sítio.

As representações sociais do tempo e a organização do cotidiano.

O tempo no Jucá só pode ser entendido, a partir de cada um dos espaços supracitados, assim como, todos estes espaços estão dotados de significados que são produzidos em condições específicas de tempo.

Antes de tudo, é necessário perceber que a significação e a organização social dos espaços no cotidiano se faz dentro de um tempo que é marcado na relação dos moradores do Jucá com a natureza.

No Jucá, o dia começa com o cantar do galo, às quatro horas da manhã, quando boa parte das pessoas estão acordando, principalmente as mais velhas, que se levantam no máximo às cinco horas da manhã, hora esta, que é calculada não pelo relógio mecânico, mas pelas réstias da telha dentro de casa e pelo barulho das galinhas anunciando que o dia está nascido e que já é hora de levantar para lhes dar comida. Depois, se faz o café, toma um pouquinho e vai cuidar da ração dos “bichos” que já estão famintos no roçado. Ai é hora de voltar em casa, dar o café dos meninos que acordam um pouco mais tarde, lavar a louça do café, botar o feijão no fogo, num ritual que se repete todos os dias, em um horário que embora não seja determinado pelo relógio, é obedecido dia após dia. Como fica claro nas palavras de dona Luzinete. “Ave Maria, no dia que num tiver feijão pa butar no fogo por essa hora, eu num quero mai viver não”. O atraso em botar o feijão no fogo pode significar o atraso em todas as outras tarefas que se deve fazer durante o seu cozimento e, conseqüentemente, o atraso no horário do almoço, pois seu tempo de cozimento é o tempo de fazer as coisas de casa, arrumar a sala e os quartos, varrer a casa, dar uma olhadinha no roçado, limpar alguma coisa que tenha para limpar e preparar o restante do almoço (o arroz, e a mistura), até dar a hora de almoçar e as crianças irem para a escola. Estas tarefas são geralmente interrompidas para um bate papo entre vizinhos que se sentam na calçada para prostrar, para olhar as coisas que seu Manoel (vendedor) trouxe para vender na sua mala¹⁰, sem com isso, haver nenhum grande constrangimento nem o que se poderia chamar de “perda de tempo”, já que o tempo não é mensurado preponderantemente como ganho ou perda como acontece em outras culturas.

As tarefas cotidianas realizadas pelas famílias não necessitam serem marcadas sempre pelo relógio, pois há no imaginário dos jucaenses um conhecimento do seu espaço e da natureza, que orienta os momentos melhores para a realização de cada tarefa, havendo assim, uma disciplina de trabalho diferente da imposta em sociedades que se orientam

¹⁰Na mala de seu Manoel tem desde roupas para adultos e crianças até enfeites para a casa e para as moças e mulheres, que levam horas experimentando as roupas e apetrechos, como maquiagem e bijuterias

principalmente pelo relógio mecânico como as sociedades consideradas modernas. Thompson (1998).

Todavia, não se vive no Jucá alheio ao horário do relógio. Horários como o da escola, o da feira ou o de ir à missa, ao médico necessitam serem determinados pelo relógio. Como afirma Brandão (2006), a convivência de representações de tempo tradicionais com as representações consideradas modernas, em que o relógio mecânico domina, é o que marca o mundo rural hoje.

No Jucá, o tempo é muito mais determinado pelas possibilidades que a natureza oferece. Assim, no dia em que chove mais, as pessoas devem ficar mais tempo no roçado, no dia que chove menos, eles ficam menos horas no roçado e trabalham mais em casa ou apanhando capim, não existe um tempo em que trabalhe mais ou menos, mas as tarefas são diferentes de acordo com as necessidades impostas pela sua cultura. Não existe o tempo livre determinado, como é o caso das férias, que é um tempo coordenado, mas o tempo livre é determinado pelo homem em sua relação com o seu espaço. Assim, se determinar uma festa para a quarta-feira à tarde, as pessoas deixam o que estão fazendo e vão. Eles são muito mais donos do seu próprio tempo, pois o vivenciam e não contabilizam como as pessoas que trabalham na cidade grande, onde o tempo é o maior desafiador. O tempo neste contexto não é o mesmo que se perde, se ganha, se encontra, mas é o que é vivido, “no tempo de minha mãe”, é então o tempo de contar os causos à tarde, sentada na frente da casa, na sombra que dá na calçada e que indica também que é hora de pegar o capim para os animais. Como disse dona Dalila, (Jucá de Baixo), “olha a sombra já ta na calçada toda, daqui a pouco é de noitim, já é hora de cuidar nos bicho”.

No entanto, este ritmo de vida não é sempre o mesmo nas diferentes estações do ano, havendo uma mudança significativa na vida social no Jucá entre o inverno e o verão, que são as únicas estações consideradas pelos moradores do Jucá.

Leach (1974) diz que os ritos de passagem também são marcos para o tempo em várias sociedades, já que eles estão relacionados à demarcação dos estágios de ciclo vital humano. Esta demarcação, por sua vez, liga-se a alguma espécie de representação ou conceitualização do tempo.

No Sítio Jucá, em função da noção de tempo está ligada à relação do homem com a natureza, existe uma mudança de ritmo na vida das pessoas entre as duas estações.

A variação sazoneira (Evans Pritchard, 1978; Mauss, 1974) ocorrida no Sítio, além de mudar os horários de realização de tarefas, também implica mudança na sua estrutura social, havendo no inverno (período em que se deve trabalhar no roçado), uma menor saída de pessoas para o trabalho fora, e aumentando também o número de faltosos na escola da comunidade, enquanto que no verão esta situação se inverte. Há também uma diferenciação de tarefas entre uma estação e outra, sendo o tempo do cotidiano vivenciado de forma deferente nas duas.

No Jucá, o tempo é também percebido de forma cíclica entre as duas estações inverno e verão. O primeiro é representado por eles como a estação da chuva - de plantar, de cuidar do roçado, da abundância de água e também um tempo sujo. O inverno para os Jucaenses é mais do que a estação em que pode plantar, mas é o tempo que define a permanência deles enquanto sitiante, sendo por esta razão, o tempo da esperança, quando se reavivam a vontade e a possibilidade de viver em seu espaço, pois é nesta época que sua identidade de sitiante é reforçada em ações ligadas ao plantar, que não se refere apenas ao roçado (empiricamente falando), mas o germinar da lavoura é também o germinar de sonhos e esperanças para pessoas que vêm a cada dia a transformação do espaço em que nasceu. Por isto, esta estação é esperada o ano inteiro.

Os horários no inverno são direcionados para as tarefas no roçado, ou seja, as pessoas acordam mais cedo, dão milho para as galinhas, tomam seu café, amarram os bodes na capoeira, tiram os bois do cercado, e enquanto os homens ou os rapazes enfrentam o sereno ou até a chuva e vão para o roçado, as mulheres necessitam arrumar logo cedinho suas casas, lavar a roupa (que nesta época é lavada nas calçadas com água que aparam da chuva), botar o feijão no fogo de carvão, pois não há lenha facilmente(visto que as árvores estão verdes para pegar os garranchos) preparar o restante do almoço para em seguida irem para o roçado, quando não cavar, mas plantar, já que no Jucá é considerado bom que seja as mulheres que plantem para que a lavoura cresça mais rápido, isto devido à fertilidade da mulher. Os homens ficam direto no roçado, lá mesmo almoçam a comida que as mulheres vão levar ou mandam os filhos menores levarem e só voltam para casa no final da tarde. As

crianças também possuem tarefas que no verão nem sempre são deles, como cuidar dos animais, plantar, xaxar, enfim, “ajudar” o pai nas tarefas do roçado.

O inverno é o momento em que o sitiante pode aguçar a sua sabedoria no trabalho da terra que segundo eles, é ao mesmo tempo árduo, mas prazeroso. Neste momento, suas experiências são postas em prática, é o momento de ensinar a seu filho os segredos do ofício de agricultor, que mais do que utilizar a ferramenta, necessita ter a sensibilidade de saber por onde e como a terra pode ser melhor cultivada, sensibilidade esta só adquirida através do contato direto com a natureza, dentro de um espaço determinado, responsável pela disseminação de um “saber” que só pode ser passado pela tradição e pela experiência.

No verão, a vida corre de maneira diferente, há uma certa dificuldade por água, sendo necessário muitas vezes, comprá-la de carros pipa ou buscar em barreiros, açudes ou riachos que se localizam a quilômetros de distância. Também é difícil encontrar pasto para os animais que comem sempre palma, única vegetação para o alimento do gado no verão. Mas as tarefas parecem diminuir um pouco, já que não é preciso ir ao roçado, embora a dificuldade por água e ração para os animais tomem parte do tempo das pessoas, é freqüente percebê-las pessoas conversando ou vendo televisão à tarde. As noites nesta época se tornam menores, porque as pessoas dormem mais tarde, vendo televisão ou conversando, pois no dia seguinte não é necessário acordar tão cedo. É a época boa para realizar festas de batizados, casamentos, e até novenas. Não é sem propósito que a maioria dos casamentos acontecem nos meses de dezembro, janeiro e início de fevereiro, pois são estes meses considerados mais festivos e alegres, como falou Lourdes(Jucá de Baixo).

“Ah minha fia , o tempo bom de casar é no mei de dezembro ou janeiro né? Poque é um tempo mais alegre, num tem lama, é tudo mais limpo, né? Poque também se a noiva casar num dia chuvoso é muito triste, a festa nem é boa e a noiva come na panela né?” (risos)

Verifica-se então, que o ritmo de vida das pessoas muda, consoante o ritmo da natureza, havendo assim, senão uma determinação desta, na forma de representar o tempo, mas uma grande influência que não pode ser esquecida ao buscar compreender as relações sociais dentro daquele Sítio.

Mas, ao se falar em inverno e verão é necessário que se entenda como estas estações são representadas pelos jucaenses, pois o primeiro não corresponde apenas à presença da chuva e o segundo à do sol, mas a um período específico, com características peculiares. Assim, não é sempre que chove que se diz que está no inverno. Os períodos são divididos dentro do ano de forma igual, e sendo assim, é necessário que caia chuva de forma contínua nos meses de fevereiro, março, abril, maio, junho, julho e parte de agosto, indicados como sendo o inverno. Neste sentido, o inverno parece ser definido não pelo simples fenômeno da chuva, mas por sua continuidade em uma época determinada, por isso, a chuva que caiu no mês de dezembro não é considerada inverno, mas é, segundo Mariano “a chuva da carne de boi”, que é assim denominada, devido a época festiva do natal e ano novo, tempo de se comemorar comendo carne de boi, já que esta nem sempre estava presente no cardápio rotineiro das pessoas do Jucá, principalmente no passado. Esta chuva se for de alta pluviosidade, pode indicar que o inverno do ano seguinte será bom.

Em janeiro, deve haver uma chuva, que segundo ele, indica que o inverno pegará bom ou fraco. As chuvas só indicam inverno, quando começam de forma contínua no mês de fevereiro ou no máximo março, porém, ele pode ser bom ou ruim, se for bom ele continua destes primeiros meses até o mês de julho, se for fraco, ele é interrompido. O inverno bom no dizer de seu Joel, “é aquele que se ajunta ele vai daqui (sul) e vem de lá (norte) aí ele se ajunta né?” É o inverno em que as chuvas são contínuas, não havendo interrupções, pois assim, o lucro estará garantido.

O verão, segundo Mariano, vai de agosto a janeiro, sendo cortado por chuvas que são necessárias para a safra de caju, a chuva da carne de boi e a chuva da chegada do ano que acontece em janeiro. Quando a estiagem passa deste mês, ele deixa de ser considerado verão para ser um período de seca que se caracteriza pela escassez quase total de água e pasto para os animais. Neste momento, a falta de chuva passa a incomodar as pessoas do Sítio, deixando-as mais vulneráveis a inclusive deixarem seu espaço e migrarem para outros lugares, na maioria das vezes, as cidades.

Este fenômeno vem mudando a vida das pessoas que lá habitam, por se fazer presente em quase todos os meses do ano, mudaram alguns costumes dos sitiantes, assim, a migração que era sazonal, dá lugar a migração definitiva ou em trânsito, ou seja, os

emigrantes que passavam apenas seis ou sete meses trabalhando fora, passam agora o ano inteiro, visto que, a terra seca não lhe possibilita “ficar” nos meses em que são considerados os de inverno, que são os seis primeiros meses do ano, geralmente de fevereiro até julho. Isto é uma das causas pela qual o Sítio está ficando com uma população maior de idosos do que de jovens.

Para as pessoas do Jucá, a seca não é um fenômeno que acontece por acaso, visto que, ela nem sempre existiu e não é normal que exista. Por isso, eles a atribuem a um castigo divino, que as pessoas passaram a merecer, tendo um comportamento que não é considerado certo por Deus. Ela é também um dos sinais de que o mundo está para acabar. Como narra Joel (Jucá de Baixo)

“[...] No tempo que eu era mais novo, eu via os mai velho dizer que o tempo era bom, mais ia haver tempo do caba diminuir poque muita gente fai boas obra no mundo e muita gente já fai ruim. Eu to achano que o mundo tá desse jeito devido a nação mermo, agora po mode haver um dermantêlo, fi briga com pai, pai briga com fi, pai mata fi e fi mata pai ai pronto fica um dermantêlo da bixiga, ai nosso Senhor tem que castigar o pessoal ele num vai descer lá de cima com um cacete pa dá em ninguém não, ele castiga é fartano inverno,tá entendeno? É fim de era, fim dos tempo.”

Percebe-se, que para Joel, pelo fato de a chuva ser um presente de Deus para os homens, a seca é então uma forma de puni-los pelos seus pecados, que são revelados em comportamentos considerados como “*errados*” pelas pessoas do Jucá, tendo em vista que não é apenas ele que faz esta relação mas pessoas de diferentes idades, mais velhas ou mais jovens.

A seca, para os jucaenses é representada, então, como o tempo da dificuldade de viver no Sítio, o tempo da “aflição”, o tempo em que é necessário “sair” para poder sobreviver, o tempo em que é necessário que se reze, que se busque ajuda dos Santos, por isto, nesta época, as pessoas fazem promessas, novenas, terços, procissões, enfim, rituais que têm como objetivo invocar a chuva, se constituindo instrumentos eficazes para o equilíbrio tanto do indivíduo quanto do grupo social.(BRANDÃO, 1986).

Por fim, o tempo do verão, não é o mesmo da seca, pois o primeiro é considerado uma situação normal, uma das estações do ano, enquanto que a segunda é considerada o

tempo da calamidade que passou a existir em punição a comportamentos considerados como pecado. Então, só se consegue entender a representação de tempo no Jucá, relacionado-a com o conjunto de crenças religiosas e místicas que são parte importante do universo simbólico dos Jucaenses.

Pode-se concluir que não há no Jucá uma representação social de tempo, mas representações que aparecem no cotidiano do Sítio, na relação dos homens com a natureza, com o sobrenatural e com o exterior, podendo ser denominadas da seguinte forma: o tempo ecológico, como foi denominado por Ervans-Pritchard,(1978) indicado pelas duas estações, através das quais os jucaenses dividem o ano, o tempo estrutural (EVANS-PRITCHARD, 1978) ou orientado pelas tarefas (THOMPSON, 1988) que é o tempo do cotidiano e está ligado ao ecológico, já que se muda o tempo das tarefas dentro das estações, e um tempo mecânico, que é o tempo dominante na sociedade ocidental moderna, mensurado através do relógio mecânico, que orienta a vida das pessoas do Jucá no que se refere a ações que estão ligadas ao exterior do Sítio e diz respeito à sociedade mais ampla, é o tempo de pegar o ônibus, o tempo de ir ao médico, de ir à escola, ir à missa, à feira, enfim realizar ações que dependem de pessoas de fora do Sítio.

As representações sociais de tempo e espaço naquela cultura estão intrinsecamente ligadas. São as relações determinadas dentro do espaço, como a reciprocidade e a solidariedade, que faz com que o tempo seja representado enquanto algo vivenciado, sentido, seja nas práticas cotidianas, nos rituais, ou na memória por meio das lembranças. Sendo essa relação definidora da identidade dos Jucaenses.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **La Société traditionnelle Attitude à Legard du Temps e Conduite Economique**. In: Sociologie du travail (1) jan/mars, 1963. pp 24 a 44,

_____. **L'action du temps** In: Le sem pratique. Paris, Les Editions de Minuit, 1980 cap 6, pp 89 a 167

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Tempos e Espaços nos Mundos Rurais do Brasil**. Ruris, Nº 1 V.1, 2006.

CARDOSO, Ruth C. L. **“Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do Método”**. In: CARDOSO, Ruth C. L (Org.) **A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. 2ª edição. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1988.

CERTEAU, Michel de. **Relatos de Espaço**. In: **A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer**. Rio de Janeiro- Petrópolis: Vozes, 1994.

_____, et al. **A Invenção do Cotidiano 2**, Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

EVANS-Pritchard, E. E. **Os Nuer**, Uma descrição do modo de subsistência e das Instituições Políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978

FOOTE-WHYTE, Willian. **Treinando a Observação Participante**. In: NUNES, E. (Org.) **As aventuras Sociológicas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra, (Orgs). **Textos em Representações Sociais**, 2ª Edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

HAGUETE , Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na sociologia**, 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1992.

HERÉDIA, Beatriz Maria Alasia de. **A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos produtores no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.

MATTA, Roberto da. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis, Uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre as variações sazoneiras da sociedade Esquimó**. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MENEZES, Maria Aparecida de. **Homens que Migram, Mulheres que ficam: noções de tempo e memória**, LPH Revista de História, N. 8, 1998/99.

MOSCOVICCI, Serge, **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Um Olhar sobre o Espaço no Tempo**.(Um estudo sobre as representações sociais de tempo e espaço na comunidade rural do Jucá no cariri paraibano). Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em sociologia da UFPB. Campina Grande, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum, Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VELHO, Otávio Guilherme. **Sociedade e Agricultura**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1982

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas**: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Revista sociedade e Agricultura, 15: outubro de 2000b. 87-145.

_____, Raízes históricas do campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos. (org.) **Agricultura familiar**: realidades e Perspectivas. EDIUPF: Passo Fundo: MG, 1999. 23-56.

_____, Urbanização e Ruralidade: Relações entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural: Estudo Preliminar Sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco. In: LOPES, E. S.; MOTA, D. M.; SILVA, T. E.M. **Ensaio de Desenvolvimento rural e transformações na agricultura**. Embrapa Tabuleiros Costeiros/UFS: Sergipe, 2002.p.21-40.

WOORTMAN, Ellen. Da Complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. BBCS n° 18 ano 7 fev. de 1992

WOORTMANN Ellen F. WOORTMANN, Klaas, **O Trabalho da Terra**. Editora da Universidade de Brasília: Brasília, 1997.